

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E SEUS DIFERENTES NÍVEIS: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS NÍVEIS DE LEITURA

Luana de Vasconcelos Pantoja

*Universidade do Estado do Amazonas
luana.pantoja.am@hotmail.com
Graduanda em Letras*

Delma Pacheco Sicsú

*Universidade do Estado do Amazonas
delmasicsu@bol.com.br
Professorada da Universidade do Estado do Amazonas
Mestre em Letras e Artes (UEA)*

RESUMO

A leitura sempre teve um papel de grande importância na sociedade diante dos problemas sociais, políticos e econômicos e é através dela que as pessoas expressam suas experiências, convicções ou diferentes formas de questionar acontecimentos sociais. E neste sentido, abre-se a discussão: existem diferentes níveis de leitura e esses níveis são de extrema importância para entendermos como cada pessoa percebe as situações de forma diferentes de acordo com o seu ambiente de letramento e seus diferentes pontos de vista. Sendo assim, os níveis que iremos abordar neste artigo são leitura sensorial, leitura emocional e a leitura racional. Essa comunicação toma como base uma pesquisa exploratória a partir da minha vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde procurei trabalhar textos e contextos que fazem parte da realidade dos alunos, incluindo do aluno mais tímido ao mais criativo nas atividades, tendo como resultado o envolvimento dos alunos a partir de suas histórias de relatos como as histórias de boto, visagem, cobra grande e rituais indígenas, na proposta de escrever contos e fábulas, além de relatar problemas sérios da cidade em que moram (Parintins) a partir da leitura de manchetes onde os mesmos puderam dissertar sobre os problemas de trânsito, áreas alagadiças, festival folclórico e etc.

Palavras-chave: Leitura; Níveis de leitura; Ambiente de letramento.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é mostrar os diferentes níveis que envolvem o ato de ler e ilustrar como eles fazem parte da nossa comunicação e como deve ser trabalhado em sala de aula para maior aproveitamento das atividades que tem como base a leitura e exposição oral. Através de uma pesquisa exploratória iremos discutir as iniciativas acerca das práticas de leitura e produção textual com alunos de 1º ao 3º ano do ensino médio e abordaremos a importância da leitura e seus diferentes níveis e, por fim, concluiremos apresentando as práticas de leituras adotadas em sala de aula e os resultados obtidos.

Esta comunicação toma como base uma pesquisa exploratória e, como afirma Antônio Carlos Gil (1989), constitui uma etapa para uma investigação mais ampla a partir da qual

pretendemos aprofundar a investigação mediante processos mais sistematizados, sendo que os dados foram obtidos a partir da minha vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde pude trabalhar textos e contextos que fazem parte da realidade dos alunos e fazer observações preliminares em torno do nosso objeto de estudo. Com base nisto, a proposta desta comunicação é mostrar os níveis de leitura e que todos eles são essenciais em sua totalidade e por isso o método para trabalhar a intertextualidade é tão indispensável para obtermos bons resultados estimulando os alunos a falarem de suas experiências vividas trabalhando a oralidade e a narrativa abrindo espaço para a leitura sensorial (a primeira e indispensável leitura de mundo) e posteriormente a leitura racional a qual o aluno adotará uma postura ao se referir sobre o fato narrado.

O que é leitura?

O conceito de leitura parte da etimologia da palavra ler, que vem do latim *legere*: “*Legere* é o termo que lhe deu origem e significa conhecer, interpretar por meio da leitura, descobrir” (SABINO, 2008, p. 2). Segundo os autores na origem do vocábulo, encontram-se três significados: primeiro ler significa soletrar, agrupar as letras em sílabas; segundo, ler está relacionado ao ato de colher, a leitura passa a ser a busca de sentido no interior do texto, basta que eles sejam retirados, colhidos como frutos; e terceiro e último sentido apontado vincula o ler ao roubar, isto é, o leitor tem a possibilidade de tirar do texto sentidos que estejam ocultos “Nesta perspectiva, o autor escreve o texto, mas quem lhe confere vida é o leitor” (FILHO, 2011, p. 2).

Ler implica o entendimento do que se lê, conhecer o significado das palavras lidas ou escutadas, ler não necessariamente a palavra escrita, pois ler é mais do que conhecer as letras do alfabeto. A apreensão do significado acompanha o ato de decifração dos símbolos. A palavra lida tem que ter significância para quem lê e será a partir daí que leitor e texto irão interagir.

A leitura ocupa um espaço de grande importância na sociedade e é através dela que os indivíduos expressam seus diferentes pontos de vista e se manifestam com relação a acontecimentos cotidianos podendo assim mudar situações, denunciar fatos e interagir com o outro.

A postura do leitor diante de um texto implica diretamente com seu ambiente de letramento. O leitor questionador, por exemplo, é um leitor que assume uma postura diante de textos científicos com certo grau de amadurecimento intelectual e que nós vamos nos referir, nesta abordagem, a este leitor como leitor racional.

O leitor sensorial é aquele que se relaciona com os acontecimentos, com a leitura de objetos, atribuindo sentido a ações e coisas e não necessariamente ele o fará através da leitura da escrita. E este leitor, diferentemente do leitor racional, faz uma relação dos objetos e das ações de acordo com suas experiências de vida e só será possível atribuir sentido a essas coisas e ações se ele já tiver assimilado o significado das mesmas, e assim ele irá interagir com esse tipo de leitura diretamente.

O leitor emocional é aquele leitor que se identifica com o texto, consegue se encontrar nas ideias do autor e se contextualizar. Este leitor geralmente lê por prazer porque lê o que gosta. A leitura emocional é uma leitura de mais fácil entendimento e por isso, quase sempre o leitor se deixa influenciar pelo texto.

Estes níveis de leitura acima mencionados são aspectos que se relacionam com a própria existência do homem e com o ato de ler e não são definições exatas sobre este ato. Porém, são abordagens que nos permitem entender que existem diferentes níveis de leitura e que ler é uma ação humana que vai muito além da decodificação de palavras, letras, frases e sentenças. Esses níveis nos permitem avaliar aspectos básicos do processo da leitura.

Esta ideia dos três níveis básicos de leitura é afirmada por Maria Helena Martins em seu livro *O que é Leitura*:

O leitor, entretanto, pouco se detém no funcionamento do ato de ler, na intrincada trama de inter-relação que se estabelecem. Todavia, propondo-se a pensá-lo, perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como níveis sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades, interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere (2006, p. 37).

Neste sentido podemos entender que o processo de leitura não se dá somente na decodificação de palavras, mas também depende das experiências e expectativas do leitor e por isso esses três níveis estão correlacionados entre si.

Portanto, para se descrever o processo da leitura é necessário pensar nesses três níveis correlacionando eles como caminhos que levam o leitor a certo grau de amadurecimento de assimilação e compreensão de textos, ações e objetos.

A professora Angela Kleiman diz em seu livro *Leitura Ensino e Pesquisa* que o processo de ler é complexo.

Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer a mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se quisermos fazer sentido do texto (2008, p. 13).

Percepção, atenção e memória são três ingredientes primordiais para construir o sentido do texto e isso acontece antes mesmo de se dar os níveis que estamos citando, pois é após o leitor se situar na linguagem do texto que ele assumirá algum tipo de postura diante das informações que ele está sendo submetido.

Por isso é importante conhecer esses processos para se entender o que é leitura e consequentemente, os diferentes níveis que a dividem.

Os níveis de leitura

1. Leitura Sensorial

É a primeira leitura que fazemos de mundo, a mais básica e se dá através dos nossos sentidos. Ler o mundo parece ser a leitura mais fácil de fazer e também é inerente e natural ao leitor. Então neste sentido, pode-se fazer uma leitura de um livro da mesma forma. Gostar de um livro pela capa ou prejulga-lo por não gostar simplesmente porque o formato das letras não agrada ou são muito miúdas. Se comprazer ao folhear um livro novo, sentir seu cheiro, toca-lo e etc. É o mesmo que ler o mundo neste sentido, e vale também para as outras coisas.

O modo como lemos uma situação depende muito do nosso sensorial. E nesta abordagem temos o exemplo das crianças que a todo momento estão descobrindo situações novas mesmo antes de serem alfabetizadas e letradas. A criança já faz as suas leituras de mundo, pois possui uma bagagem de informações trazidas da vivência em família e na sociedade, elas fazem leitura das coisas e objetos de acordo com o que já sabem a respeito, atribuindo sempre significados e valores partindo de seus sentidos. Porém, não são somente as crianças que estão sujeitas a esse tipo de leitura e, de modo geral, como aponta Maria Helena Martins:

A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler (...) dos momentos iniciais da relação da criança com o mundo ilustra a leitura sensorial. De certa forma caracteriza a descoberta do universo adulto no qual todos nós precisamos aprender a viver para sobreviver. Não se trata de uma leitura elaborada; é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta; relaciona-se com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Talvez por isso mesmo marcantes (2006, p. 40).

2. Leitura racional

Os intelectuais dizem que leitura é coisa séria.

Para muitos, relacionar a leitura com nossas convicções e experiências sensoriais revela ignorância e significa uma redução da leitura. Essa é uma postura dominante e intelectualizada mantida por uma elite e foi concebida e é mantida por ela, “a elite dos intelectuais: pensadores, estetas, críticos e mesmo artistas que reservam a si o direito de ditar normas a nossa leitura” (MARTINS, 2006).

Esta concepção estereotipada condiciona regras a serem adotadas ao ato da leitura e na perspectiva de Maria Helena Martins estamos tratando da leitura do código escrito. A elite a que esta abordagem se refere adota uma postura diante do texto que foi deliberada para condicionar as regras ao intelectualismo. Esta leitura certamente é intelectual, enquanto elaborada pelo intelecto e se analisarmos em dois pontos de vista, sendo ele o lado positivo e conseqüentemente, o lado negativo de se realizar uma leitura racional já que a proposta deste estudo é relacionar os três níveis de leitura como básicos e essenciais, não podemos descartar o valor de nenhum deles.

O lado positivo desta leitura é a reflexão racional do texto que estabelece uma relação do mundo objetivo questionando tanto a individualidade quando os significados do contexto a que estão sendo postos, abrindo assim um leque de possibilidades para reflexões que podem inclusive mudar e melhorar situações na vida em sociedade.

E o lado negativo, é este tipo de leitura estar sempre focada no ato de contestar, com atenção no distanciamento do leitor e leitura e sempre visando provar asserções alheias a ele. “Um outro aspecto muito difundido dessa concepção é limitar a noção de leitura ao texto escrito, como mencionamos anteriormente, pressupondo educação formal e certo grau de cultura ou mesmo erudição do leitor” (MARTINS, 2006).

3. Leitura emocional

Sob o ponto de vista da cultura letrada, assim como a leitura sensorial que parece ser superficial em sua própria natureza, a leitura emocional tem seu teor de inferioridade por se tratar de uma leitura no campo das emoções, lidando com a subjetividade.

Essa leitura tem o poder de libertar emoções. O fato de ela ter uma sobrecarga de libertar emoções, não implica ser ridicularizada, como muitas vezes os indivíduos são quando leem um livro ou assistem alguma cena que seja capaz de desencadear sentimentos como alegria, tristeza, choro e etc. Cada indivíduo reage a um estímulo de seu próprio modo e conseqüentemente irá ler a seu modo.

No nível emocional é preciso pensar a leitura como algo que provoca, ou não, empatia, participação afetiva, muitas vezes levando o leitor a sentir-se na pele do personagem. Neste contexto é preciso pensar no texto não como algo que leitor o sente, mas como algo que acontece com o leitor, o que ele faz, provoca no leitor.

O leitor nesta perspectiva, pode se sentir atraído pelo texto pelos aspectos projetivos. Objetos lidos e identificados assemelhados a imagem de si mesmo, relembrando situações vividas ou pelo simples fato de sentir-se atraído pelo oposto.

Quando criança ou adolescente, a preferência foi por ficção de aventuras (...). Apesar de as narrativas serem basicamente calçadas na conseqüência de acontecimentos, o tempo e o espaço em que se desenrolam, contam menos que a identificação do leitor com o herói. Atraem mais a sua personalidade e seu modo de agir, seja por assemelharem a imagem que o leitor faz de si ou pelo paradoxo, isto é, por revelarem à imagem idealizada as avessas, caracterizando a atração pelos opostos (MARTINS, 2006, p. 54).

Uma experiência de leitura

No contexto da prática de leitura aplicada na escola estadual da qual iremos nos referir como escola “A” é comum o discurso a respeito da in experiência pelo prazer a leitura literária e na dificuldade em empenhar adequadamente à escrita, tanto no interior das salas de aulas quanto em ambientes e situações fora dela. Se por um lado os alunos enfrentam tais dificuldades, por outro o incentivo por parte de educadores e responsáveis, não raras vezes, deixam a desejar, acarretando um processo contínuo de distanciamento entre os jovens e os livros.

A escola que nos referimos como escola A é localizada na periferia da cidade de Parintins onde vivenciamos a experiência de leitura a partir da realidade dos alunos de 1º ao 3º ano do ensino médio.

A necessidade de novas propostas que norteiam os caminhos de uma metodologia dinâmica, pertinente a realidade dos alunos incentivou o nosso trabalho de leitura e produção textual na escola

que tem como prioridade incentivar os alunos a produzirem textos a partir de temas abordados em sala de aula. Para tanto, busca na intertextualidade a base para a motivação dos alunos, tendo como objetivo principal a valorização e o estímulo por leitura, das práticas discursivas e naturalmente, da produção textual.

Primeiramente foram realizadas leituras de diferentes tipos de textos, tais como: fábulas, contos de fada, contos, parábolas, mangás, Hqs, músicas, charges, notícias de jornais manchete (da própria cidade) e, posteriormente, efetuada a produção textual, respeitando as seguintes etapas: leitura em voz alta, leitura em grupo, leitura silenciosa (para facilitar a compreensão), discussão em grupo sobre as temáticas abordadas e, por fim, a produção de textos.

Após oferecermos essa gama de ferramentas para fazer com que os alunos tenham um momento de leitura com dedicação e afincado, falamos da importância de se compreender um texto, porém, sabemos que para se compreender um texto é necessário fazer parte daquele universo de palavras e signos, e para isso, deixamos os alunos encarregados de criarem seus textos levando em consideração seu conhecimento de mundo e de experiências vividas.

A proposta desta comunicação, portanto, é mostrar os níveis de leitura e que todos eles são essenciais em sua totalidade e por isso nosso método de trabalhar a intertextualidade é tão indispensável para obtermos bons resultados estimulando os alunos a falarem de suas experiências vividas trabalhando a oralidade e a narrativa abrindo espaço para a leitura sensorial (a primeira e indispensável leitura de mundo) e posteriormente a leitura racional a qual o aluno adotará uma postura crítica ao se referir sobre o fato narrado.

Os resultados obtidos foram satisfatórios uma vez que utilizamos a proposta de trabalhar a intertextualidade. Incluiu do aluno mais tímido ao mais criativo nas atividades que visavam avaliar os níveis de leitura pelo fato de tratar de assuntos que condizem com a realidade daquela comunidade escolar proporcionando um ambiente de questionamento muito favorável a discussão onde todos sabiam exatamente defender seus pontos de vistas e posicionamentos bem pertinentes a cada situação do cotidiano deles. Nos surpreendemos com as histórias de boto, visagem, cobra grande e rituais indígenas na proposta de escrever contos e fábulas. Já nas manchetes, os alunos relataram problemas sérios da cidade em que moram (Parintins) dissertando sobre os problemas de trânsito e sobre as áreas alagadiças, festival folclórico e etc.

É certo que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e por isso a leitura sensorial é tão indispensável quanto a leitura do código escrito. É partindo dela que poderemos aprofundar nossa capacidade de compreensão e de assimilação dos fatos e das coisas.

Os alunos ao narrarem histórias que cresceram ouvindo de seus pais e de moradores da comunidade, em quesito oralidade falavam com propriedade e sem nervosismo, já na escrita, a imaginação deu lugar para o entusiasmo de re-criarem contos e fábulas típicos da região amazônica. Com referência aos assuntos da política local, observamos muitos deles com discursos bem críticos ao tratarem dos fatos que mais afetam a cidade, como por exemplo, o trânsito, saúde e educação. Com todos esses resultados apontados, é justo dizer que esses alunos necessitavam rever seus conceitos de leitura. Os alunos da escola “A” aprenderam a ler só agora? Ou já sabiam ler antes? Os alunos aprenderam que já sabiam ler e agora leem muito melhor, “pois leitura, linguagem e realidade se prendem dinamicamente e a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica diretamente a percepção das relações entre texto e o contexto”(FREIRE, 1989, p.9). O ato de ler é inerente à experiência existencial de cada pessoa e partindo desse princípio os alunos aprenderam a fazer seus próprios textos, produzindo dissertações mais coerentes, auxiliando na continuidade de seu aprendizado durante toda sua vida, de forma que os mesmos possam adquirir conhecimento estruturado, podendo assim ter uma compreensão mais abrangente dos estudos trabalhados, não somente em sua vida escolar, mas também em sua vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destes três níveis básicos de leitura podemos sintetizar, portanto, que o ato de ler é inerente à ação humana. Esteve e sempre estará presente nas ações dos indivíduos desde seu nascimento até a vida adulta.

Nesta perspectiva, o ato de ler não se resume somente na simples decodificação de letras, mas sim na capacidade do indivíduo atribuir valores a ações, objetos e acontecimentos partindo de suas próprias experiências de mundo. Desta ideia surge a tão famosa frase de Paulo Freire a qual abrimos este artigo: definir leitura e compreensão não é tão simples, porque muitos elementos estão envolvidos, além de fatores cognitivos individuais, também fatores externos. Mas que podemos dizer é que o processo de leitura e compreensão envolve autor, leitor e texto e que a interação leitor/texto é de fundamental importância “o leitor através de seus conhecimentos linguístico-textual (que envolve a natureza e uso da língua) e de mundo (que envolve relações interpessoais e diferenças culturais) é que constrói o texto” (SILVA, 2005, p. 9).

Quanto aos instrumentos para avaliação de níveis de leitura neste artigo abordados, principalmente referindo-se a concepção sob a ótica da autora Maria Helena Martins, é importante

salientar que todos apresentam vantagens e todos são inerentes ao ato de ler revelando a importância de cada um deles em cada tópico citado.

A concepção da palavra leitura está muitas vezes ligada a palavra escrita e por isso acredita-se que as pessoas só estão aptas a ler a partir do momento em que são alfabetizadas, mas como foi ilustrado, ler está na capacidade de atribuir sentido a situações, seja texto ou contexto. Portanto, a leitura sempre acontecerá, desde que se queira realmente ler e não existe um jeito certo ou errado neste ato, pois está ligado a capacidade de assimilação de sentido, de visão de mundo, de experiências e etc. Não ter receio ou preconceito de carregar para a leitura quaisquer vivências anteriores, procurar questionar o texto, o que o texto diz? O que eu digo ao texto? O que eu sei a respeito disto? São perguntas constantes atribuídas ao ato de ler e tentar compreender este fenômeno tem um papel de extrema significância entre os homens em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Urbano Cavalcante. **Estratégias de leitura, análises e interação de textos na universidade: da decodificação a leitura crítica.** Cadernos Congresso Nacional de Linguística e Filologia, vol. XV, N 5,t.2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, ed. 23. 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa.** 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 138)

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 45/5, março/2008.

SILVA, Márcia Valéria da Silveira. **Leitura compreensiva e avaliação.** UNISC, 2005.